

Nós Somos

Minha irmã tinha menos de dois anos quando demos pela sua falta. Era um dia como outro qualquer, mas tudo virou de pernas para o ar quando percebemos que ela não estava em casa, nem na vizinhança. Naquele tempo, as crianças brincavam na rua e os vizinhos eram a família estendida, então todos os adultos ficavam de olho em todos os pequeninos.

Eu tinha quatro anos na ocasião. Não tenho uma lembrança detalhada do que aconteceu, mas trago bem registrados o desespero dos adultos, principalmente dos meus pais, e os esforços de todo mundo para encontrar a menininha, que não poderia ter ido muito longe, inclusive porque fazia poucos meses que havia aprendido a andar. Lembro também do principal medo, repetido a toda hora: que ela tivesse sido levada por ciganos. Um grande grupo havia chegado à cidade não muito antes, e eram considerados uma terrível ameaça à comunidade, especialmente às crianças. Tínhamos pavor deles.

A menina foi encontrada em poucas horas, e os ciganos não tinham nada a ver com a história. Nem com nada mais na nossa vida, pois os caminhos jamais se encontraram. Eles eram parte de um mundo misterioso e ameaçador, do qual nem chegávamos perto.

Ainda é assim. Muito melhor do que eu, vocês conhecem os olhares desconfiados, a convivência tensa e a sensação de não-pertencimento com que seu povo é quase sempre recebido, quase em qualquer lugar. Aliás, não sei se existe um "lugar de ciganos", uma pátria, além do estilo de vida nômade, tão malvisto e tão invejado por tanta gente. Em suma, não sei quem são os muitos ciganos e ciganas que encontrei pela vida afora.

Mas algumas coisas eu sei sobre as mulheres ciganas, porque vêm dos tempos de antes, muito antes. Sei que estamos todas juntas, na mesma carroça, e nos entendemos muito bem, quando falamos das dores e das delícias de ser mulher. Compartilhamos o esforço para sermos levadas a sério em nossas aspirações ao respeito com que todo ser humano deve ser tratado, independentemente do sexo, e a frustração de sermos frequentemente tratadas como pessoas de segunda classe; conhecemos a mesma raiva por termos nossos direitos básicos desconsiderados sem nenhuma cerimônia, apesar de serem assegurados em leis nacionais e internacionais; muitas de nós vivem na carne e na mente a violência que nos atinge pelo fato de sermos mulheres,

consideradas propriedades dos homens das nossas vidas, pais, irmãos, filhos, maridos, namorados, amantes; nossos corpos sofrem a mesma dor quando são violados e feridos por ataques sexuais ou mesmo por um modelo de beleza que nos obriga a verdadeiras amputações em nome da escravidão a uma hegemonia cruel.

Estamos juntas quando celebramos o poder que brota dos nossos úteros, permitindo que a vida humana se perpetue; e também quando somos as únicas responsáveis pela criação dos filhos daqueles homens que não perceberam o privilégio de transmitir-se para o futuro. Nossas energias se unem quando decidimos tirar o máximo de proveito do que a vida nos oferece, quando escolhemos a vida que queremos viver. Somos uma só quando juntamos nossa alegria, passamos um batom vermelho nos lábios e um pente nos cabelos e comemoramos a mulheridade. Este é o sentido mais belo e profundo de estarmos juntas. Distâncias ou diferenças inexistem.

Uma grande poeta brasileira, dessas porretas mesmo, chamada Adélia Prado, esculpiu um brilhante chamado "Com licença poética", que diz o seguinte:

*Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado para mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.
Não sou tão feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos -
dor não é amargura.
Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.
Mulher é desdovrável. Eu sou.
NÓS SOMOS!!*

Júnia Puglia

16 de março de 2013

Lembrança do Chá Cigano
promovido pela Associação
Internacional Maylê Sara Kalí em
comemoração ao Dia Internacional
da Mulher - www.amsk.org.br

